

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

LUANA DIORIO VOLOCH

CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS:
É mais que um bloco!

Niterói - RJ
2014

LUANA DIORIO VOLOCH

CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS:
É mais que um bloco!

Monografia apresentada ao Curso de
Produção Cultural da Universidade
Federal Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do Grau de
Bacharel.

Orientador:
Prof.º Felipe da Costa Trotta

Niterói - RJ
2014

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

V929 Voloch, Luana Diorio.
CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS: é mais que um bloco! /
Luana Diorio Voloch. – 2014.
50 f. ; il.
Orientador: Felipe da Costa Trotta.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, 2014.
Bibliografia: f. 47-48.

1. Bloco carnavalesco; aspecto histórico. 2. Memória coletiva.
3. Tradição. 4. Poder. I. Trotta, Felipe da Costa. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.
III. Título.

CDD 394.25098153



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: LUANA DIORIO VOLOCH	Matrícula: 20933054
Título do Trabalho: CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS: É MAIS QUE UM BLOCO!	
Orientador: Dr. Felipe da Costa Trotta	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 10.12.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. Felipe da Costa Trotta
2º Membro: Drª. Marina Bay Frydberg
3º Membro: Me. Débora Monteiro

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <p>A banca destaca a pertinência do tema e a atualidade da pesquisa. O trabalho atingiu todos os objetivos propostos e reconhece a continuidade da pesquisa.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): <p>10 (DEZ)</p>		
ASSINATURAS <u><i>FOTTA</i></u> 1º Membro (Presidente)	<u><i>mbayfrydberg</i></u> 2º Membro	<u><i>Deboramonteiro</i></u> 3º Membro

LUANA DIORIO VOLOCH

CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS:
É mais que um bloco!

Monografia apresentada ao Curso
de Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel.

10 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Felipe da Costa Trotta
UFF – Universidade Federal Fluminense

Marina Bay Frydberg
UFF – Universidade Federal Fluminense
Departamento de Produção Cultural

Débora Monteiro
UFF – Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em História

Niterói – RJ
2014

AGRADECIMENTOS

Fazer esta monografia foi um trabalho árduo, mas extremamente prazeroso. Poder resgatar uma história que faz parte da minha vida e da vida de tantas pessoas, pelas quais tenho um enorme carinho, é um privilégio para mim. Sem estas pessoas, não teria sido possível concretizar este estudo, que no fundo, pertence a todos nós. Agradeço aos que me concederam entrevistas: Janjão, Bené, Pedrinho, Aluísio Manguera, Christina, Marly, Hélio, Marcelino, Douglas, Tchelinho, Marquinhos, Fabiano (Bibiu), Silvia, minha mãe Jacqueline Diorio e minha avó Jurema Diorio. Obrigada também aos que não consegui entrevistar, mas que, por meio de conversas informais ou até vivendo comigo a experiência que é o Cardoso, também fizeram parte deste trabalho. Então, muito obrigada aos intérpretes do Cardoso, Alana e Sérgio e à meus grandes amigos e companheiros de ala, Guilherme, Barbara Fernandes, Ursula, Ana Alice, Raissa, Vitor (Piti), Victor, Barbara Paiva, Keven e Michaelle.

Obrigada, também, ao meu orientador Felipe Trotta, que conseguiu tirar de mim, o melhor do meu potencial, através de seu apoio e instruções. Agradeço ao meu pai Claudio e a minha irmã Beatriz, que me incentivaram demais durante todo este longo caminho, às minhas tias Ethel e Jupira, minha avó Beth e meus avós Moacyr e Sylvio, que sempre me deram enorme suporte. Por último, mas não menos importante, agradeço à David, Marcelo, Yehuda, Alessandra e Ciça, que me ajudaram a injetar luz neste projeto, para realizá-lo com a consciência certa.

RESUMO

O Cardoso das Laranjeiras, bloco de rua situado no bairro das Laranjeiras na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, completa, em 2015, 45 anos de fundação. Esta pesquisa apresenta a história do Cardoso, contada por quem fez e faz parte do bloco, evidenciando os conflitos gerados a partir de disputas de poder e embates geracionais. Junto a isso, será feito um debate sobre conceitos de memória, para mostrar como a tradição do Cardoso foi construída ao longo do tempo e como influencia, até os dias atuais, a memória coletiva dos moradores da Rua Cardoso Junior, local onde o bloco foi criado.

Palavras-chave: Bloco de Rua, Cardoso, Conflitos, Memória Coletiva, Tradição, Disputas de Poder.

ABSTRACT

Cardosão das Laranjeiras, a street block parade situated at the neighborhood called Laranjeiras, in the south zone of Rio De Janeiro, will reach, in 2015, 45 years of its foundation. This research presents Cardosão's history, told by those who were and have been part of the block, making clear the conflicts that arise from disputes over power and generational clashes. Along with it, there will be a debate about memory concepts, so as to show how Cardosão's tradition has been built throughout the time and how it has been influencing, up to the present day, the collective memory of the residents of Cardoso Junior street, founding location of the block.

Keywords: Carnaval Band, Cardosão, Conflicts, Collective Memory, Tradition, Power Disputes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casa com a data de 1898 na fachada. Fonte: Acervo pessoal (2014)

Figura 2 – A estreita e sinuosa ladeira da Rua Cardoso Júnior Fonte: Acervo pessoal (2014)

Figura 4 – Armazém Cardosão. Fonte: Acervo pessoal (2014)

Figura 3 – 1ª CIPM, conhecido como quartel. Fonte: Acervo pessoal (2014)

Figura 5 – Ensaio do Cardosão na quadra em 1980. Fonte: Acervo pessoal (1980).

Figura 6 – Evento do Cardosão na quadra em junho de 2014. Fonte: Acervo pessoal (2014).

Figura 7 – Desfile na Rua Cardoso Junior. Fonte: Acervo pessoal (1975).

Figura 8 – Concentração do desfile do Circo, em 1978. Fonte: Acervo pessoal (1978).

Figura 9 – Desfile do Cardosão na Avenida Rio Branco. Fonte: Acervo pessoal (1980).

Figura 10 – Desfile do Xupa Mas Não Baba na Rua das Laranjeiras. Fonte: Hélio Oliveira (2012).

Figura 11 – Desfile do Cardosão NovaMente. Fonte: Acervo pessoal (1997).

Figura 12 – Desfile do Cardosão na Cardoso Junior, em 2014. Fonte: Acervo pessoal (2014).

Figura 13: Ala dos palhaços, Cardosão 2014. Fonte: Acervo pessoal (2014).

Figura 14 – Desfile do Aparição em 2014. Fonte: Acervo pessoal (2014).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A Rua Cardoso Júnior – Importância dos espaços.....	12
2. Primeira fase do Cardoso – Uma reconstrução do passado.....	22
3. Segunda fase do Cardoso – Tradição e conflitos.....	31
CONCLUSÃO.....	46
BIBLIOGRAFIA.....	47
ANEXO A: Lista de entrevistas realizadas	49
ANEXO B: Termo de autorização divulgação trabalho em versão digital	50

INTRODUÇÃO

É simples. A turma da pelada se reúne todos os sábados no boteco, digamos, do Tião. Daí pra pintar um cavaco, um tantã, um repique, é um pulo. Roda formada, sempre aparece alguém com um samba diferente que passa a ser cantado pela rapaziada. Aí vem chegando o carnaval e surge a ideia de criar um bloco em que possam sair as crianças e as esposas. Mas a vizinhança também fica sabendo e chama as amigas, e essas, os namorados.

Bem, o bochicho já está formado. Mas falta o dinheiro para que o bloco possa ter um carro de som, para que se compre material para as fantasias, para encourar os instrumentos e, claro, para a cerveja da diretoria. É aí que surge o famoso livro de ouro. Depois de escolher o samba, ou os sambas, do bloco, é hora de rainhas e princesas e esperar fevereiro chegar (PIMENTEL, 2002, p.33).

Neste trecho do livro, *Blocos: uma história informal do carnaval de rua*, o jornalista João Pimentel conta, de forma bem humorada e simplificada, como acontece o surgimento de blocos de rua no carnaval do Rio de Janeiro. Essa pequena história muito tem a ver com o objeto de estudo deste trabalho, o Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Cardosão das Laranjeiras.

Minha motivação para a escolha do Cardosão como tema foi extremamente pessoal. Moro na Rua Cardoso Junior, onde o bloco foi fundado, e como todos nós, moradores, tenho um carinho e apego muito grande pelo bloco. Também tenho uma relação afetiva com o Xupa Mas Não Baba, um outro bloco fundado na Rua Cardoso Junior, pois foi onde aprendi a tocar meu tamborim, e fiz parte da bateria por dois anos. Porém, meu vínculo com o Cardosão é maior. Tenho grandes amigos comandando o bloco e minha família tem muitas histórias com o Cardosão. Minha mãe, Jacqueline Diorio, e minha avó, Jurema Diorio, já moravam na rua quando o Cardosão foi fundado em 1970, participaram de todos os desfiles do bloco e, hoje em dia, recebem o título de integrantes da velha guarda, com muito orgulho.

Em entrevista concedida para a realização deste trabalho, com uma das figuras mais queridas da Rua Cardoso Junior, Marly Cardoso, de 72 anos, percebi o quanto o Cardosão faz parte da memória coletiva de todos nós moradores da rua: “O Cardosão está dentro de mim. Começa a tocar a música do Cardosão, eu choro. É emoção! A gente lembra do passado, daquelas coisas maravilhosas que a gente passou, então isso me toca. É uma raiz muito grande” (informação verbal),¹ disse Marly. O título do trabalho foi inspirado no slogan criado pela atual administração do bloco, que faz referência a importância que o Cardosão tem para todos nós.

¹ Entrevista concedida em 08 de março de 2014.

Esse sentimento de pertencimento me despertou a curiosidade em analisar mais a fundo esta relação do Cardosão com seus integrantes.

O presente trabalho busca fazer uma análise do processo de construção da memória do bloco Cardosão das Laranjeiras. Na elaboração do trabalho, tive receio de tratar sobre certos assuntos. Por ser algo tão próximo a mim, existem questões polêmicas que, se tratadas, poderiam me colocar em uma situação de indisposição com alguém. Uma destas questões foram os episódios de conflito entre integrantes do Cardosão com integrantes do Xupa Mas Não Baba. Esse assunto é tratado, até o limite imposto por mim, por motivos pessoais.

Optei, primeiramente, por organizar um histórico. Fiz isso, a partir de conversas informais, entrevistas semiestruturadas com atores importantes para o Cardosão, e também do Xupa Mas Não Baba, dando a eles a voz para contar suas histórias, do ponto de vista de cada um. Sendo assim, deparei-me com contradições que expus ao longo do trabalho, pois fazem parte da construção da memória. Ao longo desse processo, conheci a história de uma terceira manifestação carnavalesca da Rua Cardoso Junior, o Aparição, bloco de marchinhas criado pela velha guarda do Cardosão, e que também tem seu destaque neste trabalho. Além de depoimentos de terceiros, contei com a minha própria experiência acumulada. Para complementar minha metodologia, fiz consultas em acervos de jornais para confrontar e acrescentar informações e selecionei fotos que ilustram momentos que merecem destaque.

Como embasamento teórico, adotei conceitos de Ecléa Bosi (1994) e Maurice Halbwachs (*apud* SCHMIDT, 1993) sobre memória. A fim de entender o rito do carnaval na sociedade brasileira, utilizei os estudos de Roberto DaMatta (1997), e para uma melhor compreensão da questão da memória dentro do carnaval, busquei textos que abordassem em sua temática o carnaval, seus conflitos e tradições.

Com este material foi possível concretizar o objetivo deste trabalho. Foram tratados alguns aspectos sobre memória em uma divisão de três partes. A primeira parte analisa a importância do espaço em que certo grupo está inserido para a construção de sua memória, tendo como foco, a relação entre os moradores da Rua Cardoso Junior com o ambiente onde moram. A segunda parte faz a reconstrução da história da primeira fase do Cardosão, feita por seus integrantes, evidenciando as omissões e contradições presentes quando um grupo conta sua história. A última parte do trabalho aborda o conceito de tradição, a memória coletiva de uma sociedade. Busco demonstrar a influência da tradição do Cardosão nas novas gerações de moradores da Rua Cardoso Junior, que estimulou a criação de outros dois blocos e o

ressurgimento do Cardoso no carnaval de 2009. Convido o leitor a seguir a leitura para acompanhar o resultado deste trabalho.

1. A Rua Cardoso Júnior

Neste capítulo será abordado o papel dos espaços na construção da memória. Para poder falar sobre a memória do Cardoso, primeiramente é necessário apresentar a Rua Cardoso Júnior, rua que deu nome ao bloco e onde é sediado. Busco contextualizar como as características da rua, tal como sua localização, extensão, laços de vizinhança, amizade e parentesco existentes, a tornam personagem fundamental para o sucesso do bloco e formação de sua memória.

Maurice Halbwachs estuda a memória baseado na definição de Émile Durkheim de *Fato Social*, que consiste em maneiras de pensar, agir e sentir exteriores ao indivíduo, com um poder de coerção sobre esse mesmo indivíduo. Para Halbwachs, a construção de nossa memória parte desse mesmo princípio, ela depende de fatores exteriores a nós, que influenciam nossa percepção. Já que estamos constantemente passando por esse processo de coerção, pode-se concluir que uma lembrança nunca é pura ou intacta. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 1994, p.55). Ela é uma reconstrução de experiências vividas no passado, influenciadas pelo meio em que estamos inseridos, por nossa percepção das coisas e realidade de valores atuais. É um trabalho da consciência que adquirimos no presente, moldada e manipulada de acordo com o ambiente em que vivemos.

Bosi discorre sobre a influência do ambiente em que vivemos na percepção das nossas lembranças:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar do passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

A lembrança bergosiana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória (BOSI, 1994, p.55).

Sendo assim, a memória do indivíduo está diretamente ligada a memória do grupo em que ele está inserido. Trazendo esta definição para o objeto deste trabalho, como veremos neste capítulo, constatamos que existe uma relação afetiva bastante próxima entre os moradores da

Rua Cardoso Junior. Podemos concluir, então, que cada morador da Rua Cardoso Junior tem sua memória influenciada pelo grupo formado por todos os moradores da rua.

Schimdt e Mahfoud discorrem sobre a influência de um espaço na formação da memória de um grupo, de acordo com os estudos de Halbwachs:

Os lugares recebem a marca de um grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p.291).

Ou seja, o espaço em que determinado grupo está inserido tem papel fundamental para a construção da memória desse grupo, pois reúne lembranças do que foi vivido, sendo sempre fonte de testemunhos.

Como moradora, adotarei neste trabalho, o termo utilizado por todos nós para denominar a rua. Sempre que fizer menção à Rua Cardoso Júnior, a chamarei apenas de “Cardoso”. A Cardoso está situada nas Laranjeiras, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As ruas do bairro das Laranjeiras conectam a zona sul ao centro e à zona norte da cidade devido a dois importantes túneis construídos na região, o Túnel Santa Barbara, localizado em Laranjeiras e o Túnel Rebouças, localizado no bairro vizinho, o Cosme Velho. É um bairro relativamente extenso e diverso, no ponto de vista geográfico,² tipicamente residencial, e em sua maioria, de classe média.

Um trecho da reportagem de Rodrigo Bertolucci sobre a história do bairro, conta como foi o desenvolvimento das moradias em Laranjeiras desde o século XIX:

No século XIX, foram surgindo, na região, chácaras rústicas e luxuosas ocupadas por fidalgos, homens ricos e movidas a trabalho escravo. A presença da Princesa Isabel no palacete da Rua Guanabara, atual Pinheiro Machado, contribuiu para o seu crescimento haja vista que o principal caminho de acesso ao palacete imperial, atual Palácio Guanabara, era a rua Paissandu, que pela Princesa foi ornamentada por palmeiras imperiais, existentes até os dias de hoje.

(...) Em 1880 a região sofreu grande transformação com a implantação da Companhia de Fiações e Tecidos Aliança, instalada na Rua General Glicério, fazendo surgir os primeiros comerciantes. (...) A Fábrica funcionou até 1938, trazendo ao Bairro as primeiras vilas operárias (BERTOLUCCI, 2014).

Em minha pesquisa, não foi possível encontrar dados oficiais para comprovar, porém, muitos moradores da Cardoso afirmam que as primeiras casas construídas na rua, eram

² Fonte: BERTOLUCCI, Rodrigo. Laranjeiras. Midialocal.com, Rio de Janeiro, 16 abril. 2014. Disponível em: <www.midialocal.com/bairros/4/laranjeiras>

residências de operários da Companhia de Fiações e Tecidos Aliança, que buscavam morar próximos ao local de trabalho. A foto abaixo não autentica esse fato, mas evidencia que existiam residências construídas a partir desse período na rua.



Figura 1: Casa com a data de 1898 na fachada.
Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Atualmente, a rua possui residências, em sua maioria, de arquitetura renascentista, e possui poucos prédios. A Cardoso faz esquina com a principal rua do bairro, a Rua das Laranjeiras. É uma estreita e sinuosa ladeira, que possui uma extensão de aproximadamente 1,5 quilômetros, contornando metade do morro Mundo Novo até a Rua Mundo Novo, a outra metade que liga Laranjeiras ao bairro de Botafogo.



Figura 2 – A estreita e sinuosa ladeira da Rua Cardoso Júnior
Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Nós moradores, sempre consideramos por convenção, a portaria da Primeira Companhia Independente de Polícia Militar (1ª CIPM) como limite final da Cardoso, por conta de ser, até pouco mais de dois anos atrás, a última construção da rua. O local é popularmente chamado pelos moradores de “quartel”.



Figura 3: 1ª CIPM, conhecido como Quartel.
Fonte: Acervo pessoal. (2014)

A extensão da rua e o fato dela ser formada por uma grande ladeira torna cansativo o deslocamento até outros locais do bairro das Laranjeiras. A partir de respostas em comum de diversas fontes entrevistadas para a realização deste trabalho, acredito que, esse seja o principal motivo para que um específico ponto de encontro na rua tenha se tornado popular entre os moradores. Esse local é um botequim/mercearia situado no número 312, na esquina entre a Cardoso e uma rua sem saída, a Rua Aparício Borges. Está em funcionamento há aproximadamente 70 anos³, porém com administrações diferentes, mas sempre gerenciado por moradores da rua. Atualmente é chamado de Armazém Cardosão⁴, em referência ao bloco, e é um dos mais tradicionais botecos do bairro de Laranjeiras. Aos sábados, serve uma famosa e concorrida feijoada.

³ Não foi possível estabelecer a data precisa em que o bar foi inaugurado.

⁴ Antes de se chamar Armazém Cardosão, era conhecido como Armazém Mundo Novo.



Figura 4: Armazém Cardoso.
Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Além das relações exercidas como simples consequência de morar próximos, em uma rua que não possui o movimento intenso característico da maioria das ruas de uma cidade grande, o Armazém Cardoso se tornou um importante ponto de convivência e socialização entre os residentes da Cardoso. Foi, também, cenário da primeira manifestação carnavalesca da rua, o Bloco do Fica, na década de 1960, do ressurgimento do bloco Xupa Mas Não Baba, em 2005, e da criação do Aparição, em 2012, assuntos que serão tratados com mais detalhes em outro ponto do trabalho.

A convivência e socialização, ao longo do tempo, gerou amizades, formou famílias e originou um consenso geral de que a Cardoso é um lugar onde todos se conhecem e se relacionam. Marco Antônio da Purificação, o *Marquinho*, de 39 anos, é morador da rua e sua família vive na Cardoso há aproximadamente cem anos. Durante entrevista,⁵ Marquinho comenta o convívio entre os moradores: “Por ter sido criado junto, acaba que chamamos de parente. Acaba criando um laço, você acaba se identificando com a pessoa como parente”. Esse convívio próximo e de longa data entre seus moradores é apontado por esses, e por visitantes,

⁵ Entrevista concedida em 27 de setembro de 2014.

como a principal qualidade desta rua. Em entrevista,⁶ o jornalista João Pimentel, morador da Cardoso há 12 anos, faz um depoimento que mostra como esta característica é conhecida e compartilhada por todos: “Eu falei com um amigo – Vamos tomar uma cerveja num botequim que tem lá na rua do meu amigo? Porque eu quero saber se a rua é tranquila ou não, pra eu morar lá. Sentamos no (Armazém) Cardosão, aí chegou o Seu Gustavo, ficamos ali de papo e eu falei – Como é a rua aqui, é segura? – E ele – Meu filho, isso aqui é um paraíso! Já foi melhor né, mas aqui é muito tranquilo, todo mundo se conhece, é uma rua muito familiar”.

A intimidade entre os moradores da Cardoso, ressaltada nos depoimentos acima, é levada para fora das habitações, para a vida comunitária. É observada, então, nos locais de convivência da rua, como o Armazém, o que faz remeter à transformação do espaço da *rua* em *casa*, segundo as definições de Roberto DaMatta. Em seu livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, DaMatta utiliza a oposição entre *rua* e *casa* para explicar o sistema social brasileiro buscando o entendimento do nosso mundo ritual. A *rua* representa o mundo, o lugar do trabalho, da malandragem, das relações de hierarquias implícitas, ao passo que a *casa* é ambiente do afeto, do descanso, da família. (DAMATTA, 1997). No caso da Cardoso, por conta desta relação íntima entre seus moradores, esses dois espaços se encontram, fazendo da rua, um local familiar. A *rua* incorpora aspectos característicos da *casa*, como a informalidade na convivência e a relação de confiança entre os indivíduos. Em trecho da coluna de João Pimentel no Jornal O Dia, em que o jornalista fala sobre a Cardoso, é possível observar esses gestos e ações pertencentes ao ambiente de casa, presentes no ambiente da rua, que tornam a Cardoso esse local familiar:

Nos fins de semana, as crianças brincam soltas pela rua, jogam bola descalças. As senhoras saem de suas casas simples e levam suas cadeiras para as calçadas como em ‘Gente Humilde’, de Garoto, Chico Buarque e Vinicius de Moraes. Mas, se na hora do sufoco as pessoas se reúnem em mutirão (...) (PIMENTEL,2014).

Outro momento em que é possível constatar esse encontro entre os costumes de *rua* e *casa*, é no depoimento de Aluísio Pinto, de 66 anos, morador na Cardoso desde 1971. Aluísio é conhecido por todos como Aluísio Mangueira, por sua dedicação a Escola de Samba, da qual, assim como no Cardosão, é integrante da Velha Guarda. Em entrevista concedida a mim,⁷ Aluísio descreve a relação que havia entre os integrantes do Cardosão e o Armazém: “(...) na

⁶ Entrevista concedida em 15 de agosto de 2014.

⁷ Entrevista concedida em 10 de março de 2014.

segunda feira, após os ensaios, íamos lá pro Gecildo,⁸ que depois passou a ser chamado ‘Bar Cardoso’, devido ao bloco. Juntávamos quatro mesas, jogávamos o dinheiro ali, contávamos e tá tudo certo. (...) Éramos nós mesmos que fechávamos o bar”.

Essa relação próxima foi fortalecida, em grande parte, pela simpatia pelo samba e pelo carnaval. Como mencionado anteriormente, o Cardoso não foi a primeira manifestação carnavalesca que existiu na Cardoso. Antes da criação desse bloco, um grupo de moradores se reunia no Armazém Cardoso durante o carnaval, e faziam uma roda de samba chamada Bloco do Fica. Não era algo profissional, alguns dos instrumentos eram improvisados e participava qualquer um que se aproximasse. Benedito Dantas, de 70 anos, conhecido por todos como Bené, nunca foi morador da Cardoso, porém tem forte ligação com a rua e seus residentes há mais de quarenta anos, de modo que já exerceu as funções de presidente e diretor de bateria, sendo atualmente, membro da Velha Guarda do Cardoso. Em entrevista concedida ao Jornal do Brasil, Bené afirma a ligação entre a existência desta manifestação carnavalesca chamada Bloco do Fica e a criação do Cardoso:

(...) o Fica só ficava aqui em cima, e nunca descia para a Rua das Laranjeiras. Um dia – continua – O Fica resolveu não ficar mais, e o samba intitulado “Quem foi que disse que o Fica vai ficar” incentivou a criação do Cardoso, que sempre esquentava na Rua Cardoso Junior. (LARANJEIRAS, 1983, p.8)

A partir da fundação do Cardoso, outro local de destaque, que terá um papel fundamental para a construção da memória do Cardoso, surge na Cardoso. Esse local é a quadra, situada no número 420 da rua. Em 1970, ano em que o Cardoso foi criado, a quadra era apenas um terreno baldio com chão de barro e mata ao redor, e esse local foi designado para sediar os ensaios do Cardoso. Nenhum dos entrevistados sabe a data exata, mas afirmam que poucos anos após a fundação do bloco, sem nenhuma verba de qualquer órgão governamental, os moradores da Cardoso Junior fizeram uma obra nesse terreno e construíram uma quadra de cimento. Não foram contratados operários para fazer a obra, tudo foi feito pelos próprios moradores, por iniciativa do Cardoso. A obra foi paga com o lucro dos ensaios do bloco e com doações. Em sua entrevista, perguntado sobre a obra, Aluísio Pinto, conta, “Quem construiu tudo foi a comunidade. Juntavam-se todos nós”. O conceito de comunidade é amplamente estudado na sociologia. A definição de Fichter (1967) pode, aqui, ser utilizada para explicar o

⁸ Antigo dono do atual Armazém Cardoso.

uso da expressão por Aluísio: "comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns".



Figura 5: Ensaio do Cardoso na quadra em 1980.
Fonte: Acervo pessoal. (1980).

Após esta primeira obra realizada pelos integrantes do Cardoso, em 1983, foi feita uma nova obra. Desta vez realizada pela Secretaria Municipal de obras, da Prefeitura. Foi criada a Praça Cardoso Junior, que além do espaço da quadra, abrangeu outras transformações, citadas detalhadamente na reportagem do Jornal do Brasil abaixo:

A nova praça, na confluência das Ruas Cardoso Junior e Aparício Borges, tem uma área ajardinada de 1 mil 061 metros quadrados, arborizados com 33 amendoeiras, um playground, equipamentos para ginastica e uma quadra de futebol de salão com alambrado. (...) a praça custou Cr\$ 27 milhões (LARANJEIRAS, 1983, p.8).

Estas instalações possibilitaram ainda mais a convivência entres os vizinhos, principalmente entre as crianças, que se tornariam, trinta anos depois, a nova geração do Cardoso. Porém, a data em que esta obra foi realizada, não agradou algumas pessoas. Em um momento em que o Cardoso vivia um período de esvaziamento, no início da década de 1980, integrantes da Diretoria do bloco reclamam que o espaço da quadra estava inutilizável em pleno período de pré-carnaval, o que, segundo eles, teria acelerado esse processo de esvaziamento. Maria Christina Fernandes, de 64 anos, mora na Cardoso desde os 10 anos. Hoje em dia, integrante da Velha Guarda do Cardoso, Christina, diretora na época, aponta esse problema

em entrevista: “A Prefeitura resolveu fazer uma obra na quadra, em pleno carnaval. Atrapalhou a gente profundamente. A gente ficou muito chateado porque queríamos ter uma grana para botar o bloco na rua” (informação verbal).⁹

Em 2002, foi feita uma reforma da quadra e revitalização da Praça Cardoso Junior, pelo então Secretário de Parques e Jardins, Eduardo Paes. Nesta obra, foi construída a atual estrutura encontrada na Praça, a quadra foi gradeada, ganhou melhor e mais moderna iluminação, dois banheiros, enquanto o parque recreativo e aparelhos de musculação foram modernizados. Além dos ensaios do Cardoso, a quadra abriga todos os eventos que acontecem na rua, como ensaios do Xupa Mas Não Baba, festas de aniversário de moradores e eventos culturais produzidos por moradores ou por pessoas que se relacionam com os moradores. Em seu trabalho *Uma comunidade em transformação*, sobre a Escola de Samba Portela, Fábio Pavão fala da quadra da Escola como centro de sociabilidade:

Para os sambistas, uma quadra de escola de samba é um importante centro de sociabilidade. É o território comum do grupo, lugar dos encontros e das relações pessoais. A sede da sua escola, para usarmos a dicotomia de Roberto DaMatta (1997a), representa para o sambista a noção de "casa", espaço da segurança e da intimidade (PAVÃO, 2005, P38).

Embora o objeto de estudo de Pavão seja uma escola de samba, cabe usarmos esta passagem para demonstrar que a relação dos integrantes do Cardoso com a quadra é mais uma evidência do espaço da *rua* que agrega características de *casa*, segundo a oposição feita por DaMatta entre os dois.



Figura 6: Evento do Cardoso na quadra em junho de 2014.

Fonte: Acervo pessoal. (2014).

⁹ Entrevista concedida em 08 de março de 2014.

A quadra e o Armazém são lugares que sempre concentraram e ainda concentram os momentos de socialização dos moradores e despertam as lembranças de tantos anos de Cardoso. Esses lugares fazem lembrar de costumes, pessoas e relações sociais de outros tempos, assim como de tempos atuais, pois permanecem grandes locais de convívio, possibilitando o trabalho de construção da memória do bloco. (SCHIMDT; MAHFOUD, 1993). Com esta análise fica clara a importância da Rua Cardoso Junior para a construção da memória e tradição do Cardoso. As lembranças marcadas nos espaços do Armazém Cardoso e da quadra, e os laços de amizade e parentesco criados na Cardoso são fundamentais para formação da memória do Cardoso.

2. Primeira fase do Cardoso – Uma reconstrução do passado.

Em meio ao processo de coletar informações a fim de montar um histórico do Cardoso, me deparei com algumas contradições nas falas dos entrevistados e com o fato de que esses, não tem clareza em relação a desdobramentos de certos acontecimentos. O artigo de Schmidt e Mahfoud, baseado em fundamentos estudados por Halbwachs, explica a ocorrência desses lapsos e confrontos de ideias quando o indivíduo, no presente, fala sobre seu passado:

(...) um indivíduo, ao testemunhar oralmente o seu passado, formula a própria narrativa como um processo de confrontação, adaptação e acomodação de vários elementos, tais como: 'casos' pessoais ou antigos, opiniões próprias e alheias, distinções entre pontos de vista, descrições dos diferentes modos de vida em diferentes épocas, histórias tradicionais, referências a diferentes grupos; ou seja, elementos que se movem entre os eixos presente/passado e indivíduo/outros. (SCHIMDT; MAHFOUD, 1993, p.295).

Pode-se dizer que o que ocorre é uma reconstrução de uma história, já que, como visto anteriormente, lembrar é refazer com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Neste capítulo será apresentada esta reconstrução da história da primeira fase do Cardoso, a partir dos depoimentos de atores importantes para o bloco, e reportagens jornalísticas, apontando estas discordâncias no discurso.

Como já citado, em 1970 é fundado o Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Cardoso das Laranjeiras. Porém esta informação é contestada por Aluísio, que afirma que o Cardoso começou a desfilar em 1971, em sua entrevista, diz: “Em 71 ele saiu como Cardoso pela primeira vez. Foi até ali na esquina e voltou. Em 72 participamos de um banho de mar à fantasia. O que aconteceu foi que o bloco cresceu, se encorajou e descemos a rua em 72”. Por outro lado, outros entrevistados afirmam que foi em 1970, pois as cores, verde e amarelo, teriam sido escolhidas para comporem as alas por ser ano de Copa de Mundo, no caso, a Copa de 1970. Após a Copa do Mundo, as cores azul e branca foram adotadas pelo Cardoso, devido a simpatia dos integrantes do bloco com a Portela.

Curiosamente, a Cardoso encontrava entre seus moradores, pessoas para todas as funções que um bloco de carnaval necessita, tais como ritmistas para bateria, compositores, intérpretes e até as costureiras das fantasias. Algumas pessoas que não moravam na rua eram trazidas por amigos, e agregavam seus conhecimentos ao Cardoso fazendo parte do bloco de alguma maneira, porém a maioria era composta por moradores. Pode-se comprovar isto na fala de Marly, de 72 anos, moradora da Cardoso e integrante da velha guarda do Cardoso. Durante

entrevista, Marly comenta “Era a galera da rua. Tinham alguns que vinham da (Rua) Mario Portela¹⁰, vinham do Canários¹¹, tanto as mulheres quanto os rapazes. Mas a maior parte era daqui” (informação verbal).

Um ilustre visitante, José Franco Lattari, conhecido como Franco, foi um dos principais autores de sambas do Cardoso. Depois do Cardoso, compôs para grandes Escolas de Samba¹², como a União da Ilha do Governador e fez parcerias com sambistas como Arlindo Cruz. Pedro Freitas, de 70 anos, também não era morador da rua, foi integrante do bloco por anos, compôs diversos sambas e foi quem trouxe Franco para o Cardoso. Eram parceiros de composição, mas Pedrinho, como é conhecido, sente certo ressentimento quanto ao reconhecimento dado à Franco por parte dos membros do bloco. Pedrinho conta em entrevista: “Carlinhos Pimpinela quem me trouxe, um dos guardiões do bloco. Fazíamos os sambas eu, Marimbondo e o Franco. Esses sambas todos aí do Cardoso são meus. Porque que eu me afastei? Fiquei chateado por isso, falavam que era coisa do Franco. Nós trouxemos o Franco pra cá, ele não sabia nada” (informação verbal).¹³

Realmente, no discurso de todos os entrevistados, o maior destaque dentre os compositores é dado para Franco. Eclea Bósi usa o conceito de *construção social da memória*, que pode ser utilizado para explicar esta tendência dos discursos similares em relação a certos assuntos ligados ao Cardoso:

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros 'universos de discurso', 'universos de significado', que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história.

No outro extremo, haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse 'atualmente' significativo para o grupo de convívio da pessoa. (BOSI, 1994, p.66,67).

Em um segundo aspecto, também é possível detectar esta tendência de criação de universos de discurso. Ao longo da série de entrevistas realizadas para este trabalho, não fica muito claro, nos discursos, o momento em que certos costumes e símbolos são adotados pelo

¹⁰ Rua localizada no bairro das Laranjeiras

¹¹ Bloco de enredo sediado no bairro das Laranjeiras

¹² Foi autor de clássicos sambas-enredo da União da Ilha, como “1910 – Deu burro na cabeça” (1981), “Festa profana” (1989), “De bar em bar, Didi, um poeta” (1991), “Abrakadabra, o despertar dos mágicos” (1994), “Todo dia é dia de índio” (1995), entre outros.

¹³ Entrevista concedida em 12 de abril de 2014.

Cardosão. A fala consensual relata os desfiles do bloco que aconteciam ao longo dos três dias de carnaval (domingo, segunda-feira e terça-feira) percorrendo desde a portaria do quartel, até o Largo do Machado e voltando para o lugar de início, em um trajeto de aproximadamente seis quilômetros, com as alas de fantasias em azul e branco, produzidas pelos próprios componentes, e com os tamancos, que eram característicos do Cardosão. Em sua entrevista, Aluísio conta como eram os desfiles: “Tínhamos toda uma estrutura de uma escola de samba: mestre sala e porta bandeira, compositores, bateria, alas mirins, alas jovens e a comunidade colaborava muito, cada família formava uma ala” (informação verbal).



Figura 7: Desfile na Rua Cardoso Junior.
Fonte: Acervo pessoal. (1975).

A Prefeitura do Rio de Janeiro havia criado, em 1965, a Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro, a FBCERJ. Os blocos de rua podiam se filiar a FBCERJ em duas categorias, blocos de enredo e blocos de empolgação¹⁴. A Prefeitura, através da RioTur, disponibilizava uma verba para a organização dos blocos filiados a FBCERJ, e era

¹⁴ Também eram conhecidos como blocos de embalo.

de responsabilidade da Federação, o repasse desta verba¹⁵. A FBCERJ dividia os blocos em grupos dentro de suas categorias e definia um local e data para o desfile de cada grupo. Nos desfiles, os blocos recebiam notas de jurados especializados, e na apuração das notas, eram determinados os campeões e rebaixados de cada grupo e categoria.

Segundo Aluísio, no ano de 1973, o Cardosão se filiou a FBCERJ, participando desses concursos como bloco de empolgação. O bloco, então, passou a desfilar, em seu antigo percurso, apenas na terça-feira de carnaval e também pelas ruas do centro da cidade. O Cardosão desfilou na Avenida Rio Branco, Avenida Graça Aranha e Avenida Marquês de Sapucaí, quando ainda não havia sido construída a Praça da Apoteose. Maria Christina, integrante da velha guarda, comenta em sua entrevista, “A gente já fazia nossa fantasia mesmo. A verba ia pra eles fazerem o carro abre-alas” (informação verbal). Os desfiles do Cardosão passaram a ser mais luxuosos, com alas mais bem produzidas.

Em 1978, na segunda-feira de carnaval, o Cardosão desfilou na Avenida Marquês de Sapucaí com seu mais famoso samba, o *Circo*, composto por Franco e Pedrinho, e foi campeão de sua categoria. Esse samba é cantado até hoje nos ensaios, eventos e desfiles do bloco. Presencio, dentro ou fora do período de carnaval, diversos momentos em que esse samba é puxado por alguém e rapidamente junta-se um grupo, da velha guarda à atual geração, para cantar o *Circo*:

“Ôh, ôh, ôh, ôh!

O Circo chegou

Trazendo na lembrança

O meu jeito de criança

Que o tempo já levou

O Maestro e a banda, que empolgação

Todo mundo se assusta com o leão

E o palhaço, matreiro

Com sua roupa zebrada

Vai fazendo piruetas

Alegrando a garotada

¹⁵ Em entrevista concedida à mim, o atual presidente da FBCERJ, Izaltino Gonçalves Medeiros, não soube informar a quantia exata disponibilizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro para os blocos, naquela época, pois houve um incêndio na sede da Federação, na década passada, danificando documentos.

**O anão, o trapezista, o gorila e o elefante
A mulher-barbada que deu um beijo no gigante**

Tudo é fantasia, imaginação
Mas quando o circo for embora
Vai deixar saudades no meu coração

**Tem pipoca, pirulito e amendoim
Só te dou um pedacinho se você gostar de mim”**

Talvez esse samba seja o maior símbolo do Cardosão. Uma prova de sua influência é o fato de que, trinta e seis anos depois, o samba tocado pelo bloco em 2014 faz menção ao *Circo*. O trecho abaixo foi retirado desse samba, chamado *Brinca!*

“E no *Circo* tem pipoca,
Pirulito e amendoim,
Só te dou um pedacinho,
Se você gostar de mim,
Para ser *Franco* só te dou um pedacinho,
Se você gostar de mim”.



Figura 8: Concentração do desfile do *Circo*, em 1978.
Na foto, Geisa, conhecida como *gogó de ouro*, o presidente do Cardosão naquele ano, Jorge Pipico e Franco, um dos compositores do samba.
Fonte: Acervo pessoal. (1978).

Todos se empolgaram com a vitória do Cardoso. Emocionado, Bené, diretor de bateria na época, diz em sua entrevista¹⁶ que “Foi uma maravilha ser campeão. A gente ria, desfilamos na Marquês de Sapucaí, foi muito bom” (informação verbal).

Ocorre mais um momento de conflito entre os discursos. Existem dois episódios diferentes, narrados pelos atores entrevistados, relacionados aos blocos Bafo da Onça e Cacique de Ramos. O primeiro episódio teria ocorrido ainda no ano de 1978, no desfile dos blocos de rua campeões daquele ano. Segundo Aluísio, nesta época, os blocos campeões de todas as categorias desfilavam na Avenida Marquês de Sapucaí, no sábado após o carnaval e os blocos Bafo da Onça, Cacique de Ramos e Boêmios do Irajá eram sempre convidados a desfilarem nesse dia, por serem os blocos de rua de maior destaque da cidade. Porém, em minha pesquisa em arquivos de reportagens, apurei que esse desfile ocorreu na terça-feira:

Bafo da Onça, Cacique de Ramos e Boêmios do Irajá. Os três tem garantido um desfile exclusivo na Marquês de Sapucaí ao meio-dia da terça-feira de carnaval (CARNAVAL, 1978, p.2).

A rivalidade entre os blocos Bafo da Onça e Cacique de Ramos é famosa. Diversos episódios de violência, provocação e violação das regras dos desfiles por parte dos dois blocos são conhecidos. E no ano de 1978, o desfile de campeões do carnaval do Cardoso foi ameaçado por esse conflito. “Nós fomos o primeiro Bloco a entrar porque fomos os campeões na menor categoria. Só que nos anos anteriores, desfilavam sempre no sábado, o Cacique e o Bafo”, conta Aluísio Pinto. “(...)a briga deles era que um queria entrar primeiro que o outro. Ali onde nós fomos desfilarmos, era a área do Bafo. Então quanto mais o Cacique pudesse afrontar, para eles, era melhor” comentou Bené. “Nós estávamos formados pra entrar na Avenida e chegou o pessoal do Cacique. E com uma certa violência, o Cacique entrava por dentro do Cardoso. Eles eram, assim, um pouco animais na empolgação deles”, continua Aluísio. “Nós fomos imprensados. Tava todo mundo concentrado lá, o ‘cardosãozinho’ ficou no meio deles dois e não deixavam a gente desfilarmos”, conta Bené. “E então nós tivemos a proteção dos Boêmios de Irajá. Deram as mãos e nos colocaram dentro de um cordão até a polícia chegar. São histórias que acontecem no carnaval.”, conclui Aluísio.

Perguntadas sobre esse acontecimento, outras fontes discordam que isto tenha acontecido naquele ano. O episódio teria ocorrido em 1979, ano seguinte ao campeonato, durante o desfile oficial do Cardoso, na segunda-feira de carnaval. Segundo Maria Christina,

¹⁶ Entrevista concedida em 12 de abril de 2014.

“No ano seguinte o Cardoso saiu super luxuoso, o Cacique de Ramos se deitou na Avenida e o Cardoso foi desfilando 4 horas da manhã. A gente cansada, chegamos cedo, não conseguimos desfilando direito. Lembro de ver a capa do jornal dizendo ‘os mortos do carnaval’. Ficamos em último, mas não tinha ninguém julgando”, contou em entrevista. Jacqueline Diorio, de 50 anos, moradora da Cardoso há 48 anos e integrante da velha guarda, reforça o que foi dito por Maria Christina, em entrevista: “Era quarta-feira de cinzas, duas horas da manhã talvez, não tinha mais jurado, não tinha mais nada, a gente desfilou só pro ferro da arquibancada. Depois dali nunca mais retomamos um desfile com fantasia” (informação verbal).¹⁷

Embora não tenha uma unidade no discurso no que diz respeito a esta passagem, há um fato notável com o qual todos concordam. No momento em que o Cardoso foi campeão do carnaval, deduz-se que o bloco estaria em ascensão, mas na realidade tornou-se o começo de um declínio, segundo os membros da velha guarda entrevistados. Em seu livro *Carnavais, malandros e heróis*, Roberto DaMatta discorre sobre os blocos de rua. Aponta que eles têm sua força e potência no carnaval, porém não são tão organizados ou refinados quanto uma escola de samba. As divisões entre as alas, bateria e comissão de frente aconteciam, mas como DaMatta descreve, de forma muito mais simples do que a estrutura de uma escola de samba. O poder dos blocos de empolgação, como é o caso do Cardoso, é de, com sua leveza e falta de regras rígidas de harmonia ou fantasia, justamente empolgar os espectadores transformando-os em foliões, unindo-os aos componentes do desfile em uma grande festa democrática, ultrapassando barreiras sociais, formando um bloco, compacto. (DAMATTA, 1997, p. 126;127).

Para todos, o campeonato de 1978 fez o Cardoso, no ano seguinte, buscar ser mais profissionalizado do que um bloco de empolgação precisaria ser, e a estrutura que o bloco tinha não sustentou esse avanço. Bené opina em sua entrevista: “O evento do Circo fez muita gente acreditar que o Cardoso seria um bloco de enredo, mas nunca devia ter passado isso na cabeça. Nós já éramos um bloco de embalo com muita dificuldade, principalmente financeira”. Aluísio demonstra ter a mesma opinião, “Um erro total nosso. Nosso desfile tinha três quesitos: bateria, empolgação e samba. Não tinha necessidade de fantasia e essas coisas todas, mas nós fomos. Daí pra cá, o nosso bloco começou a cair um pouco” (informação verbal).

O ano de 1979 foi um divisor de águas para o Cardoso. O bloco foi mal classificado no concurso daquele ano, e, daquele momento em diante, se iniciou um processo de esvaziamento.

¹⁷ Entrevista concedida em 20 de outubro de 2014.

O jornalista João Pimentel analisa esse período do carnaval de rua da cidade, em que os blocos desfilavam com recursos da Prefeitura do Rio, e sua conclusão se encaixa com a situação que o Cardoso começa a passar:

A derrocada dos blocos também pode estar diretamente ligada a uma tentativa de profissionalização dos mesmos. Atraída pelos desfiles e concursos patrocinados pela Riotur, a maioria deles afastou-se de seus núcleos, perdeu a referência e, ao tentar retornar às suas raízes, já havia perdido o vínculo com a própria comunidade (PIMENTEL, 2002, p.34).

No discurso dos integrantes do bloco, que participavam nesta época, fica claro que, gradativamente, o Cardoso vai perdendo seu vínculo com os moradores da Cardoso, que desde o princípio, era sua principal identidade. Isto fica claro com o fato de que, perguntados, nenhum entrevistado soube dizer quando o Cardoso deixou de desfilar. Jacqueline conta em sua entrevista como foi esse processo de declínio, “A gente vestia a fantasia do Cardoso e ia pro centro da cidade, ia pra Copacabana e entrava nos blocos que eram azul e branco, e as nossas alas eram enormes. Então a gente não ficava sem brincar, não consigo me lembrar de um vazio completo, a coisa foi modificando até que teve uma hora que não saiu mais” (informação verbal). O esvaziamento do Cardoso, no começo da década de 1980, se deu no mesmo período em que estavam sendo criados blocos que, hoje em dia, são considerados tradicionais e de grande apelo popular, Simpatia é Quase Amor, Bloco de Segunda, Bloco do Barbas, entre outros. Isto pode ser, também, um fator que tenha influenciado. Se antes havia poucas atrações no carnaval de rua da zona sul da cidade, nesse momento começam a aparecer outras possibilidades de diversão além do Cardoso. Em 1980 e 1981 e 1982 o Cardoso ainda desfilou pelas ruas do centro da cidade.¹⁸



Figura 9: Desfile do Cardoso na Avenida Rio Branco.
Fonte: Acervo pessoal. (1980).

¹⁸ 1980, o Cardoso desfila na Avenida Rio Branco e em 1981 e 1982 na Avenida Graça Aranha.

Mas em 1982, desfilando na Avenida Graça Aranha, o Cardosão foi rebaixado em sua categoria, sendo escalado para desfilar no Méier no ano seguinte. Bené, que havia assumido a presidência do bloco, fala sobre o desfile daquele ano: “O bloco tinha em caixa e pagou as passagens, conseguimos uma Kombi que nós botamos a comida e a cerveja para a bateria, mas acho que não foi nem a metade pra desfilar. O pessoal ficou meio revoltado porque ainda estavam com aquela imagem do Circo. Quase ninguém apareceu, foi um fracasso. A nossa queda foi uma queda violentíssima. As pessoas não aderiram. Quando você está bem, todo mundo está do seu lado, quando você está mal... o ser humano é assim, mas certas coisas doem. Você compreende mas não aceita”.

Em 1983 e 1984, existem registros no *Jornal do Brasil*¹⁹ de desfiles do Cardosão na Rua Dias da Cruz, no Méier, mas a partir de 1985, não existem mais. Isto leva a crer que o ano de 1984 foi o último ano da primeira fase do Cardosão. No entanto, nenhum dos entrevistados soube confirmar isto. Schmidt e Mahfoud analisam as contradições que ocorrem no processo de testemunho oral da história de um indivíduo:

Do ponto de vista do comentário e da análise do material colhido a partir desta apreensão, as contradições, as ambiguidades, as omissões não são tomadas, exclusivamente, como dissintonias do desejo do indivíduo, mas como expressões que atualizam os conflitos, as tensões, a pluralidade de perspectivas, do grupo social, dos quais o indivíduo se apropria para elaboração de sua experiência.

A elaboração da experiência pode ser entendida como um processo de diálogo entre diferentes pontos de vista atuais e passados que, de alguma forma, estão presentes para o indivíduo (SCHIMDT; MAHFOUD, 1993, p295).

Como foi esclarecido por Bósi, em um trabalho intenso em conjunto, existe a tendência de serem criadas certas unidades de discurso, relacionadas a certos aspectos. E esse discurso em comum é o que constrói a história do grupo, como eles procuram que seja fixada sua imagem na história. Certos lapsos e omissões são aspectos que não têm, no momento, valor significativo para a memória desse grupo.

¹⁹ Fontes: Blocos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 fevereiro 1983. Carnaval 83, p14 e Desfiles hoje começam na Rio branco. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 março 1984. Carnaval, p2

3. Segunda fase do Cardosão – Tradição e conflitos.

Em 1985 o Cardosão das Laranjeiras já não sai mais às ruas, porém as lembranças dos seus quatorze anos de existência se tornaram parte da memória coletiva dos moradores da Cardoso. A memória coletiva preserva o valor do passado para os grupos sociais (SCHIMDT; MAHFOUD, 1993), e o Cardosão se torna grande símbolo da Cardoso Junior. Neste capítulo, busco mostrar a influência que a tradição do Cardosão permaneceu exercendo sobre os moradores da Cardoso, estimulando a criação de outros dois blocos na rua e o ressurgimento do próprio Cardosão vinte e quatro anos depois. Serão abordados, também, os conflitos que ocorreram nesse processo.

Após três anos sem qualquer manifestação carnavalesca, uma geração mais jovem da Cardoso cria um novo bloco na rua, o Xupa Mas Não Baba. Em sua coluna no Jornal O Dia, João Pimentel comenta a criação do novo bloco:

Em 1988, sentindo a mesma ausência de samba na rua, uma turma criou o Xupa Mas Não Baba, das cores laranja e verde. Os antigos até hoje reclamam do nome, mas os mais jovens explicam que é uma referência ao bairro. O símbolo é um pierrô chupando uma laranja (PIMENTAL, 2014).

Nesse mesmo período, na década de 1980, o Brasil buscava a redemocratização, após anos sob regime militar. Com o enfraquecimento da ditadura, o brasileiro se via livre para recuperar certos símbolos do passado, que haviam ficado, por um longo tempo, intimidados pelos militares, como o carnaval e a crítica política irreverente de seus blocos de rua. Um dos fundadores do Simpatia é Quase Amor, Gustavo Mello, comenta esse período em trecho do livro *Blocos* de João Pimentel:

Todo este momento de criação destes blocos, é claro, tem a ver com o sentimento de cidadania. Não é por acaso que o Barbas nasce no mesmo ano do Simpatia e o Suvaco, no ano seguinte. Dois anos depois já surgia o Bloco de Segunda. As pessoas se sentiam no direito de ir para a rua, de dizer o que pensavam (PIMENTEL, 2002, p.62).

Esse processo de redemocratização do país, somado à insatisfação por parte de lideranças do mundo do samba em relação ao foco dado quase exclusivamente aos desfiles na Marquês de Sapucaí nesta época, contribuíram de forma decisiva para que surgisse um engajamento por parte de atores sociais de classe média e o processo de formação de blocos de rua na Zona Sul do Rio de Janeiro (HERSCHMANN, 2013). Mesmo com a criação desses blocos, o ápice do carnaval de rua não se deu nesse momento, ainda era um processo tímido, até então praticamente restrito a semana do Carnaval. Nesta fase, surge o Xupa Mas Não Baba.

Alguns membros antigos do Cardosão tentam persuadir os jovens a dar continuidade ao antigo bloco ao invés de criar um outro, mas não havia, por parte desta nova geração, esta intenção. Fabiano Maia, de 46 anos, conhecido como *Bibiu*, é morador da Cardoso desde o nascimento, cresceu acompanhando o Cardosão e é um dos fundadores do Xupa Mas Não Baba. Em entrevista, Fabiano explica a razão pela decisão de criarem um novo bloco ao invés de retomarem o Cardosão: “O Cardosão era tão grande pra gente, que, preferimos fazer um outro bloco. Quem somos nós pra voltar com o Cardosão? Não foi maldade muito menos competição, como que a gente vai competir com a gente mesmo? Cardosão todos nós somos. A gente não se sentia em condições de levantar uma bandeira dessas” (informação verbal).²⁰ Raul Mera, de 45 anos, também morador da Cardoso desde seu nascimento, em entrevista,²¹ conta a sua versão: “Queríamos algo diferente, irreverente. Quando o Cardosão acabou, havia muita briga, muita desavença, acho que queríamos virar a página, sem esquecer o Cardosão que todos nós amávamos” (informação verbal). Bené comenta, em sua entrevista, esse desejo da velha guarda do Cardosão, de que os jovens dessem continuidade ao bloco, “O Xupa surgiu no vácuo, quando o Cardosão deixou de existir. A garotada quis criar o Xupa. Eu, quando vi, comecei a pensar que podiam fazer o Cardosão, mas não. Era outra vertente, eram nossos filhos, nossos descendentes”. Hélio Oliveira, de 54 anos, morador da Cardoso e membro fundador do Xupa Mas Não Baba relata como esse desentendimento ocorreu: “O pessoal da velha guarda não queria o nome ‘Xupa Mas Não Baba’, queriam que voltassem com o Cardosão. Teve uma reunião, com o pessoal mais antigo e o pessoal do ‘Xupa’. Deu briga e alguém puxou uma arma, ameaçou e saiu gente presa daqui” (informação verbal).²²

Em seu texto sobre a Portela, Pavão cita Strauss: “Algumas pessoas podem criar um passado histórico que não possuem, ou então descartar um passado e criar um novo” (PAVÃO, 2005, P.88). Talvez, esse desejo da velha guarda tenha sido motivado por um receio de que as lembranças e a tradição do Cardosão se perdessem. Passado esse primeiro conflito entre as gerações, o Xupa Mas Não Baba é abraçado por todos os moradores, assim como o Cardosão quando foi criado. O *Xupa*, como é chamado por todos, faz seus ensaios de pré-carnaval na quadra. O mestre de bateria, Jonny Amaral, costuma levar para o bloco alguns ritmistas de baterias de Escola de Samba, formando uma bateria numerosa e de boa qualidade técnica. Nos primeiros anos, seus desfiles ocorriam em um percurso parecido com o adotado pelo Cardosão, da Rua Cardoso Junior ao Largo do Machado, mas o aumento de público no carnaval de rua,

²⁰ Entrevista concedida em 29 de outubro de 2014.

²¹ Entrevista concedida em 15 de março de 2014.

²² Entrevista concedida em 23 de agosto de 2014.

acarretando em um tempo maior de desfile, fez com que a Prefeitura a cada ano diminuísse o trajeto percorrido pelo Xupa Mas Não Baba.



Figura 10: Desfile do Xupa Mas Não Baba na Rua das Laranjeiras.
Fonte: OLIVEIRA, Hélio Juber. (2012).

Por divergências internas, o Xupa Mas Não Baba deixa de desfilar por alguns anos, entre meados da década de 1990 até 2005. Segundo Fabiano, o motivo seria a preferência por dar fim ao bloco, ao deixá-lo ser coordenado por pessoas que não eram da Cardoso. Em entrevista, diz: “As pessoas não queriam abrir a diretoria pra pessoas de fora, que já não iam seguir a mesma linha que a nossa” (informação verbal). Mas em 2005, um grupo de uma nova geração da Cardoso, a terceira desde o Cardoso, decide assumir a diretoria e dar continuidade ao bloco.

Marcelino Fernandes, de 33 anos, morador da Cardoso desde seu nascimento e membro desta diretoria que se formava, conta que a ideia surgiu por certa pressão por parte das gerações mais antigas da rua: “A minha geração cresceu ouvindo os mais velhos dizendo ‘antigamente essa rua era movimentada, tinha bloco, vocês garotos não fazem nada’. A gente bebendo aqui na esquina (armazém Cardoso), o Marquinho²³ falou ‘vamos voltar com o bloco?’ e

²³ Marco Antônio da Purificação.

começamos a passar o chapéu” (informação verbal).²⁴ Marcelino continua seu depoimento, afirmando que houve um momento em que cogitaram voltar com o Cardosão: “Cardosão, Xupa Mas Não Baba ou um terceiro nome? Na época eu falei pra gente botar um terceiro nome. Muitos queriam que fosse Cardosão, mas os outros falavam que a velha guarda do Cardosão ia se intrometer, ia perturbar. E acabou vencendo o Xupa Mas Não Baba”.

Esta geração, da qual faço parte, é formada por jovens nascidos após o término do Cardosão. Mesmo assim, o Cardosão sempre fez parte de nossas vidas. As lembranças das músicas, ensaios, desfiles e o campeonato de 1978 parecem pertencer a nós, mesmo que não tenhamos vivido estas experiências. Pavão, utilizando os estudos de Halbwachs e Bosi, explica a tradição, que é o que nos permite nos considerarmos membros desse grupo social:

(...) os sujeitos se constituem como membros de um determinado grupo social através da memória coletiva, que envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Quando um indivíduo procura lembrar de um acontecimento no passado, recorda fatos que, mesmo não tendo sido vivenciados, foram narrados por outros. A memória de uma pessoa, assim está intrinsecamente associada à memória do grupo, que por sua vez se une à tradição, ou seja a memória coletiva de cada sociedade (PAVÃO, 2005, P.85).

É possível demonstrar a força desta tradição, no próprio ano em que o Xupa Mas Não Baba retorna com esta nova diretoria. Os diretores decidem fazer em 2005 uma homenagem ao Cardosão. Marcelino, em sua entrevista, conta o objetivo por trás desta homenagem: “Integrar a rua como um todo. Pra chamar essa velha guarda pro Xupa Mas Não Baba também. A gente quis homenagear o Cardosão, que é o bloco mais famoso da rua”.

A letra²⁵ do samba daquele ano fala sobre a história do Cardosão:

Seu Waldemar, um dos responsáveis pela obra que cimentou a quadra;

“Parabéns Seu Waldemar
Fez tanta gente sonhar
Um lindo mundo despertou”

Recorda o começo no chão de barro da quadra;

“Quanta saudade nos dá
O Cardosão recordar
No chão de barro onde tudo começou”

²⁴ Entrevista concedida em 28 de outubro de 2014.

²⁵ Composição de Fernando de Lima e Carlos Eduardo Camargo (Pavaroti).

As cores do bloco e o tamanco característico do Cardoso;

“De Azul e branco vesti o meu Espírito Santo
A bateria no compasso de tamanco”

Relembra o samba campeão na Sapucaí;

“Como é bom, o Circo traz tantas lembranças
Serei pra sempre uma criança
Sapucaí, meu bloco campeão”

E brinda à nova geração, introduzindo o Xupa mas não baba com o refrão engraçado e de duplo sentido, que é marca de seus sambas;

**“Chupa ela toda que é gostosa e dá na feira
Laranja pêra, Laranja pêra
A chama do meu coração nunca se apaga
Te amo Xupa mas não Baba”**

Em um momento em que o carnaval de rua da zona sul do Rio de Janeiro ainda não tinha as proporções que tem hoje em dia, o desfile do Xupa Mas Não Baba atrai grande público em Laranjeiras, que ainda não contava com os mais de vinte blocos que existem atualmente no bairro. Com esse sucesso, os antigos diretores do Xupa Mas Não Baba decidem voltar a administrar o bloco, junto à nova diretoria. Mas a ideia não é aceita, acarretando a saída dos mais jovens. Marquinho explica, em sua entrevista, a razão de terem escolhido sair do Xupa Mas Não Baba: “Nós mudamos tudo, botamos outra cara no bloco. Mas a vaidade é uma coisa complicada, gosto de todo mundo, mas sempre tem, não tem jeito. Tem um que é mais vaidoso que o outro, um que reclama, um que acha que aquilo não é certo. Tem essas vaidades, aí pra não brigar, decidimos sair” (informação verbal). Marcelino relata sentimento parecido em sua fala sobre o ocorrido: “A galera que é da antiga chega e fala ‘Isso aqui é nosso’, ‘no nosso tempo era assim’, ‘a gente organizava assim e vocês estão chegando agora’. Começaram a estufar o peito contra uma coisa que a gente vinha fazendo. E a gente falou ‘Então tá bom, façam do jeito de vocês’”. O que Marquinho e Marcelino afirmam, em outras palavras, é a tentativa, por parte dos antigos diretores, de impor uma relação de hierarquia no bloco, em uma variação do rito: “Sabe com quem está falando?” de Roberto DaMatta (1997, p.179).

O Xupa Mas Não Baba e o Cardoso, por mais que sejam sediados no mesmo lugar, são blocos, de certa forma, antagônicos. Enquanto o Cardoso tinha como filosofia que o dinheiro

arrecadado fosse utilizado em investimentos no próprio bloco, ou na Cardoso (como na obra feita na quadra com o dinheiro do bloco), o Xupa Mas Não Baba visa o lucro dos diretores. Mesmo que não seja do desejo de todos, a forma de trabalho do Xupa Mas Não Baba sempre foi esta. Hélio Oliveira, um dos fundadores do bloco explica: “Arrecada-se todo o dinheiro, bota o carnaval na rua, se sobrar dinheiro, é dividido por cabeça (...) Não porque todos queiram assim, duas ou três pessoas querem que pelo menos metade do dinheiro que sobrar fosse guardado pra começar o primeiro ensaio sem problema nenhum. Porque a gente já começa devendo, abrimos os ensaios já devendo dois mil reais”. Esta postura é o principal aspecto que diferencia os dois blocos. Afirmo isto como impressão deixada ao longo das entrevistas e por opinião própria.

Então, por mais que a velha guarda desfilasse todo ano no Xupa Mas Não Baba, ainda sentiam falta do Cardosão. Ao longo dos vinte e quatro anos de ausência do bloco, ocorreram duas tentativas, por iniciativa de alguns dos antigos membros do Cardosão, de retomar os desfiles do bloco.

A primeira tentativa ficou conhecida como *Cardosão NovaMente*, e aconteceu em 1997. Nesta época o bloco já não era mais filiado à Federação dos Blocos. Maria Christina, uma das responsáveis por esta iniciativa, mostra, em sua entrevista, que mesmo com um segundo bloco na rua, o desejo da velha guarda era ver o Cardosão voltando a desfilar: “Todo ano a gente se reunia no carnaval e a gente falava ‘ano que vem vamos botar o bloco na rua’, até que um ano resolvemos voltar com o bloco. Nós colocamos o dinheiro, fizemos uma lista e cada um entrou com uma quantia. Não sei como a gente arranhou aquela bateria” (informação verbal). Maria Christina continua, revelando como esperava uma adesão maior por parte dos moradores da Cardoso: “A minha sensação era que as pessoas queriam tudo de mão beijada. Eu achava que tinha que todo mundo participar. Mas também já era outra época, ninguém tinha mais aquele espírito de Cardosão. Aí eu desanimei e no ano seguinte não saiu”. Por mais que o Cardosão fizesse parte da nossa memória coletiva, os tempos eram outros, o Cardosão não fazia parte do cotidiano da Cardoso há muitos anos. Além disso, o carnaval de rua não atraía tanto público naquele momento, e havia se tornado uma época em que a maioria fazia viagens para fora da cidade.



Figura 11: Desfile do Cardoso NovaMente.
Eu estava presente, tocando o tamborim.
Fonte: Acervo pessoal. (1997).

A segunda tentativa ocorreu em 2009. Nesta ocasião, a diretoria 2009/2010 faz uma tentativa de resgatar os antigos carnavais do bloco. Estabelecem como regra, que os foliões deveriam criar suas alas e costurar suas fantasias com tecidos das cores do bloco. Porém, esta ideia não é acolhida pela grande maioria dos moradores da Cardoso, principalmente pelos mais jovens. A maioria considera ultrapassada, não cabendo mais nos moldes do carnaval de rua atual. Marcelino comenta a pouca frequência dos jovens nesse período: “Frequentava pouco, achava chato. Eu acho que era mais bagunça. A velha guarda fazia uma bagunça pra eles, que eu acho legal. Mas pra eles, não pra gente” (informação verbal). Por dois anos, o Cardoso desfila com esta diretoria à frente, e nesse momento de encontro entre os dois blocos, surge uma rivalidade.

O Cardoso e o Xupa Mas Não Baba nunca tiveram que dividir seus espaços durante o carnaval, as atenções eram voltadas para um ou para outro. E a relação sempre foi respeitosa, devido às lembranças do Cardoso. No entanto, no momento em que o Cardoso solicita a divisão das datas de pré-carnaval, que até então pertenciam aos ensaios do Xupa Mas Não Baba, esta relação muda. Fabiano, um dos diretores do Xupa Mas Não Baba, comenta, em entrevista, a postura do bloco com esta nova situação: “O Xupa Mas Não Baba, como já estava há mais

tempo ensaiando, se achava no direito de ensaiar todos os sábados. Foi com essa ponta de egoísmo que a gente teve esse mal-entendido”. Na fala de Débora Monteiro, em seu estudo sobre o carnaval, “As disputas em torno da definição do calendário do carnaval podem ser tomadas como um claro exemplo de que ‘controlar o tempo se torna essencial ao poder’” (MONTEIRO, 2012 p.67). Mais uma vez pode-se usar o rito “Sabe com quem está falando?” de DaMatta. Nesse momento, como na expressão, o Cardoso deve “ser colocado em seu lugar” pelo Xupa Mas Não Baba, que, por já estar estabelecidos como um bloco bem sucedido e utilizar a quadra por mais tempo, estaria em posição superior na hierarquia. Essa hierarquização pode ser explicada neste trecho do estudo de DaMatta:

Numa sociedade (...) em que as relações de trabalho se somam a um conjunto de laços pessoais regidos por valores como a *intimidade*, a *consideração*, o *favor*, o *respeito* e apreciações éticas e estéticas generalizantes, existem possibilidades para uma hierarquização contínua e múltipla de todas as posições no sistema, mesmo quando são radicalmente diferenciadas ou formalmente idênticas (DAMATTA, 1997, p.192).

A velha guarda do Cardoso relata dois episódios que retratam essa rivalidade que se desenhava e chamam de boicote ao bloco. Aluísio relembra, em entrevista, o primeiro episódio: “Quando o Cardoso voltou, eles não queriam emprestar a quadra, ‘a quadra vai ser nossa, vocês vão ensaiar dia tal, tal e tal’, mas como é que pode isso?” (informação verbal). Com o auxílio da presidente da Associação de Moradores da Cardoso Junior, o Xupa Mas Não Baba permanece com todos os sábados do pré-carnaval (período que vai de janeiro ao fim de semana anterior ao carnaval). Por questões pessoais, não irei aprofundar a maneira como esta questão foi conduzida pela Associação de Moradores, mas, o importante é destacar que por conta disso, o Cardoso teve de ensaiar às sextas-feiras. Vale ressaltar também, que, o Xupa Mas Não Baba havia modificado sua filosofia inicial e permitido que pessoas que não tinham uma relação próxima com a Cardoso fizessem parte da diretoria do bloco. Talvez isto tenha agravado esse conflito. Fabiano continua, em entrevista, contando sua versão sobre esse momento: “A confusão foi com uma pessoa do bloco que nem é da rua e falou coisas muito feias pra Marly e pra Wanda²⁶. Não conhece as duas, não sabe a história delas aqui na rua. Todos fomos contra o jeito que ele falou, ele não podia ter tratado elas assim, foi aí que começou o mal estar. Na reunião, todos foram contra ele ter maltratado elas, mas a maioria foi a favor da ideia de não dividir a quadra” (informação verbal). Como ficou claro, não eram todos que compactuavam

²⁶ Marly Cardoso e Wanda Nepomuceno são personagens muito queridos e respeitados na Cardoso, e integrantes da velha guarda do Cardoso.

com o dito “boicote” ao Cardosão. Tanto é que, o Xupa Mas Não Baba permite que sejam utilizadas as peças de sua bateria no desfile do Cardosão.

O outro episódio ocorreu em um ensaio do Cardosão, em 2009 e, curiosamente, parece mostrar uma inicial falta de afinidade entre o Cardosão e a geração mais nova da Cardoso. A falta de uma linguagem mais moderna por parte da velha guarda pode ser uma razão para isso, pois, segundo os estudos de Bosi e Halbwachs usados no texto de Fábio Pavão,“(…) a tradição estaria associada à manutenção dos padrões do passado, enquanto a modernidade seria a adaptação aos novos tempos, atualizando ritmos, temas e rituais para atender as tendências do mercado” (PAVÃO, 2005, p.98). Todavia, a desavença com o Xupa Mas Não Baba também influenciou a postura tomada por alguns indivíduos na situação que ocorreu. Maria Christina conta o que aconteceu nesse ensaio: “Teve um ensaio que a gente limpou a quadra, organizamos tudo, botamos umas dez ou quinze peças no chão, uma mixaria. Os meninos que batiam, todos estavam ali no muro e a Marly chorando lá embaixo”, Marly Cardoso mostra sua indignação com o ocorrido, em seu depoimento: “Eu não estava acreditando que as pessoas tiveram coragem de fazer aquilo com a gente. Eu chorava e não conseguia parar. Não tinha um batedor, uma coisa horrível. E é uma galera que hoje em dia tá tocando. Mas saímos na terça de carnaval, talvez com os mesmos que estavam lá em cima” (informação verbal).

Após o carnaval de 2010, a velha guarda chega à conclusão de que o formato que utilizavam não estava atraindo os moradores como imaginavam que aconteceria. Naquele ano, por sugestão de Wanda Nepomuceno, a Diretoria convida os jovens da Cardoso a assumirem o Cardosão e darem continuidade ao bloco. Douglas Wallace, de 35 anos, morador da Cardoso desde seu nascimento, assume a presidência do Cardosão, e em entrevista, conta suas motivações para ter aceitado a presidência: “O que mais me fez aceitar o bloco, não foi nem pelo bloco em si, foi pelas pessoas mesmo. Na época, minha avó Nadir era viva, então era poder ver minha avó curtir de novo. (...) Meu objetivo era fazer com que o Cardosão voltasse de verdade, porque tentou voltar e não conseguiu e eles poderem curtir de novo, deve ser um túnel do tempo pra eles. E a galera veio porque todos eles também estão na história, o Tchelinho²⁷ é o mais novo, mas a mãe dele era do bloco. É a raiz da Cardoso” (informação verbal).²⁸

Talvez por todos os novos diretores terem crescido participando do Xupa Mas Não Baba, que possuía uma filosofia diferente de trabalho, inicialmente houve certa desconfiança

²⁷ Apelido de Marcelo Amaral, um dos membros desta diretoria.

²⁸ Entrevista concedida em 17 de outubro de 2014.

por parte da velha guarda em relação ao futuro do bloco sob o comando desta geração. Marcelo Amaral, de 28 anos, conhecido como *Tchelinho*, conta que em um primeiro momento a velha guarda tentou impor suas ideias, o que causou certo desconforto: “em uma reunião, eles falaram que estavam felizes porque a gente aceitou, mas queriam se meter também. E nós falamos que não, queríamos fazer do nosso jeito” (informação verbal).²⁹ Sobre a atual administração do bloco, Bené comenta em sua entrevista: “Não existe uma aceitação total, e muita gente transforma o saudosismo em guerra. Eu sinto saudades do antigo Cardosão, mas eu tenho que ter consciência que aquele Cardosão não cabe mais hoje” (informação verbal).

A tradição precisa ser dinâmica, para poder se encaixar nos moldes do carnaval de rua atual:

A história é transmitida pela velha guarda, os guardiões da memória coletiva, mas é re-elaborada e recriada pelos mais jovens à imagem do presente e de suas perspectivas para o futuro, de acordo com o que afirma Strauss: Cada geração percebe o passado em termos novos, e reescreve sua própria história (PAVÃO, 2005, p.89).

Douglas relata esse primeiro conflito com a velha guarda: “No começo foi complicado porque a gente não estava cantando as músicas antigas do Cardosão e a galera ficou um pouco chateada, mas eles entenderam que a gente precisava conquistar um público pra depois ir plantando a semente do Cardosão nas pessoas. Reconheço que muitas das vezes eu falei que não íamos cantar as músicas do bloco mas pensava um pouquinho mais pra frente” (informação verbal). Para concretizar esta nova fase do Cardosão, a nova diretoria aposta na ideia de formar um público para o bloco, que não seja composto apenas pelos moradores da Cardoso. Marcelo explica em entrevista: “A velha guarda fazia mais eventos para o pessoal aqui da rua. Começamos a pensar no Cardosão para fora da rua” (informação verbal). O Cardosão passa a fazer eventos ao longo do ano, além do período de pré-carnaval e traz para esses eventos, o grupo Samba de Lei, responsável por uma das rodas de samba mais populares nos últimos anos, localizada na Pedra do Sal, no Centro do Rio. Paralelo a isto, a Diretoria cria uma *bateria show*, formada por um número reduzido de membros da bateria, para apresentações em casas noturnas, festas particulares ou qualquer outro tipo de evento, a fim de divulgar o Cardosão.

No entanto, alguns costumes do passado são preservados. Marcelo fala desta intenção: “Queríamos que as famílias pudessem vir e curtir o bloco, ter gente fantasiada, ter ala das baianas. Isso são coisas que tem uma história e que tentamos resgatar” (informação verbal).

²⁹ Entrevista concedida em 19 de agosto de 2014.

Mas Marcelino conta, que em sua opinião, no carnaval atual existe um limite do que é possível ser reutilizado: “A gente tenta fazer a ala das baianas, a gente tenta criar alas de fantasia. A ideia talvez seja resgatar um carnaval de fantasia, não de abadá, como são os outros blocos. Alas que tenham a ver com o samba que a gente está cantando. Mas é o máximo que dá pra fazer do carnaval antigo”. No trecho abaixo, do texto de Pavão, é explicado como as tradições são utilizadas como uma ferramenta de construção do futuro:

A tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de se organizar o tempo futuro (PAVÃO, 2005, p.87).

Nesse momento começou a ser usado o termo *velha guarda* para denominar esses que fazem parte da história do Cardosão desde seus primeiros anos. Isso os diferenciava dos demais foliões, recebendo tratamento especial em eventos dentro e fora da Cardoso Junior. Em sua entrevista, Marcelo exalta a velha guarda: “Nós temos uma velha guarda que, de repente, até uma Escola de Samba de Acesso não tem tão presente e participativa, e em grande quantidade. Em uma roda de samba que tem, eles são os primeiros a chegar, eles animam a quadra” (informação verbal).

Uma questão herdada da administração anterior, que, os novos diretores tiveram que lidar, foi a briga com o Xupa Mas Não Baba. Douglas conta, em entrevista, como foi resolvida a situação: “Teve um choque, mas tem até certa coerência, porque o bloco que ensaiava direto e todo o carnaval contava com aqueles quatro ou cinco ensaios, aí voltou o Cardosão pra dividir, ia demorar um pouco pra fazer isso, não é da noite pro dia. Não tinha diálogo, era gritaria. Teve um princípio de confusão entre a velha guarda e o pessoal do *Xupa*, a galera não estava querendo tocar no Cardosão. Por causa da divisão de quadra, alguém falou pra não tocarem no Cardosão e eu tive que conversar com todo mundo. Teve essa divisão, mas aos poucos a galera foi voltando” (informação verbal). Fabiano demonstra que o diálogo era realmente difícil entre os dois blocos naquele momento: “Se eles conseguiram o espaço não foi por bondade de ninguém não, foi porque eles correram atrás. Foram direto na associação atrás do direito deles de dividir a quadra” (informação verbal). A rivalidade com o Xupa Mas Não Baba permanece latente até, novamente, chegar o período de marcações de ensaios na quadra no pré-carnaval. Marcelino conta que, para terminarem esses conflitos, os blocos tentaram até ensaiar juntos: “A gente tentou fazer ensaio junto com o Xupa. Mas não queriam arcar com o som que a gente escolheu, não queriam arcar com a limpeza, queriam fazer a limpeza eles mesmos. A gente não concorda,

é uma questão de filosofia. A gente acha que tem que fazer um evento bacana, de qualidade, legal nem que seja pra gastar o dinheiro todo que arrecadou” (informação verbal).

Se o Xupa Mas Não Baba mantinha uma postura inicial de detentor do direito de utilizar a quadra para seus eventos, ao longo desses seis anos desta nova fase do Cardoso, os papéis foram trocados. O Cardoso que, a cada carnaval, faz crescer seu público, se torna novamente o maior bloco de rua da Cardoso, trazendo em 2014, aproximadamente três mil pessoas para seu desfile na terça-feira de carnaval. “O bloco tem tudo para dar certo, temos ótimos cantores³⁰, o espaço sensacional da quadra e a família. Quando precisamos de alguma coisa, sempre tem gente por perto para ajudar. O Cardoso é nosso, é da rua”, conclui Marcelo, sobre suas expectativas pelo bloco.



Figura 12: Desfile do Cardoso na Cardoso Junior, em 2014.
Fonte: Acervo pessoal (2014).

³⁰ Alana de Andrade e Sérgio Cruz são os intérpretes do Cardoso.



Figura 13: Ala dos palhaços, Cardoso 2014.

Ala da qual fiz parte, no desfile do Cardoso em 2014. Nossa ala fez uma homenagem ao *Cardosão NovaMente*, primeiro carnaval em que desfilamos, ainda crianças, com o Cardoso.

Fonte: Acervo pessoal (2014).

Curiosamente em 2012, um ano após deixarem a diretoria do Cardoso, alguns integrantes da velha guarda se reúnem, casualmente, e criam uma nova manifestação carnavalesca, a qual dão o nome de Aparição. Maria Christina Fernandes, uma das idealizadoras do bloco, conta como surgiu a ideia: “Era sábado de carnaval e a rua estava uma mortandade, a gente ia pro Armazém e não tinha nenhuma viva alma. E começamos a frequentar o Bola Preta. Mas o Bola Preta foi crescendo e ficou insustentável, o nosso grupo diminuía cada vez mais. Em um dia lá no Armazém, falamos ‘vamos fazer um bloco?’, e aí surgiu a ideia”.

O nome é uma referência à Rua Aparício Borges. Maria Christina conta, ainda, a origem descontraída do nome dado ao bloco, “O nome é Aparição porque a Marly mora na Aparício Borges e sempre sacaneamos a Marly porque os blocos são da Cardoso Junior e não tem nenhum na rua dela”. Segundo seus criadores, não passa de mais uma opção para curtir o carnaval na rua e não tem pretensão nenhuma de crescimento e nem de que se torne um bloco bem estruturado. “Sem compromisso nenhum e sem tirar licença. O dia que tiver que tirar licença, acaba o bloco. Não queremos nada oficial, é uma brincadeira”, conclui Maria Christina. Marly reafirma esta intenção de fazer com que este *bloquinho*, como todos nós carinhosamente chamamos, permaneça pequeno e somente para os moradores da Cardoso e amigos próximos:

“Aparição é um bloco de sujo pra mim, não tem diretoria, todo mundo é igual, todo mundo manda e acabou. É pra a gente se divertir, a gente faz a nossa roupinha e brinca ali. Se começar a crescer, pra mim acaba. Eu não quero que faça propagando pra aparecer um povo que a gente não conhece” (informação verbal).

O Aparição tem as cores roxa e amarela e no sábado de carnaval percorre um trecho de 1km da esquina entre as ruas Aparício Borges e Cardoso Junior, em frente ao Armazém Cardoso, até as portas da *quartel* e retornam para o lugar de início. Desfilam ao som de marchinhas reproduzidas pelo carro de qualquer vizinho que se disponibilize a emprestar seu automóvel e todos o seguem fantasiados. João Pimentel comenta, em entrevista, o espírito carnavalesco da Cardoso, que proporcionou a criação de um terceiro bloco na rua, “Eu acho bacana que a Cardoso Junior tem essa alma que tinham as escolas e os blocos no começo. Porque a maioria dos blocos são resquícios da galera da pelada ou a galera do botequim. A maioria dos blocos começou assim. Aí quando começa um, começa outro. Esse espírito da Cardoso Junior que fez esses blocos existirem, e esse convívio” (informação verbal).

No primeiro ano, menos de vinte pessoas seguiram o bloco, e esse número vem crescendo gradativamente, mas não contava com a presença dos mais jovens moradores da Cardoso. Curiosamente, um número crescente de jovens, e eu me incluo nesse grupo, aderiu ao desfile do Aparição em 2014. O Aparição é uma opção divertida e irreverente de curtir o carnaval e que foge dos padrões dos blocos lotados que encontramos nas ruas do Rio.

Em 2014, João Pimentel e Marceu Vieira, compositores de sambas de blocos como Simpatia é Quase Amor, criaram uma marchinha como hino para o Aparição:

Não é o Cardoso
Também não é o Xupa não
Descendo a ladeira
Não tem saideira
Chegou Aparição
Aparição!
 Não somos muitos não
 Mas somos raros sim
 Do carnaval, a nata
 Que vai batendo lata
 Pandeiro e Tamborim
 Aparição!

O curioso é que o Aparição parece ser, nada mais, do que mais uma das recorrentes tentativas da velha guarda de resgatar o passado. O Cardoso, sob administração da velha guarda, já não atraía tanto público, e por ter sido tão grande em outros tempos, frustrava seus antigos integrantes. O Aparição surge sem o peso da tradição trazida pelo Cardoso, e mesmo sem a inicial adesão por parte da maioria dos moradores, não desestimula a velha guarda a continuar com o bloco. E falando por mim, depois de tanto analisar e conversar sobre o assunto com outras pessoas, concluo que, o sentimento familiar que encontramos na Cardoso, fez o bloquinho conquistar, aos poucos, o carinho e adesão dos moradores.



Figura 14: Desfile do Aparição em 2014.
Fonte: Acervo pessoal (2014).

CONCLUSÃO

O Cardosão é parte importante da memória coletiva dos moradores da Cardoso. Está presente nas lembranças de todas as gerações, mesmo as que não participaram da sua primeira fase. E a tradição herdada com o Cardosão, fez surgir outras manifestações carnavalescas na rua, o Xupa Mas Não Baba e, mais recentemente, o Aparição.

O presente trabalho evidenciou os conflitos que ocorrem na relação entre as gerações de moradores da Cardoso e entre as administrações dos blocos sediados na rua. As diretorias do Cardosão e do Xupa Mas Não Baba possuem filosofias de trabalho diferentes, isto, por si só, já criou um cenário de oposição entre os dois. A suposta hierarquia imposta pelo Xupa Mas Não Baba, quando o Cardosão retorna em 2009, deu início ao conflito. As disputas de poder e a estipulação de hierarquias são caminhos naturais quando existe um cenário de competição e de diferentes modos de administração e ideias de vida.

No entanto, esse embate ocorre somente no âmbito da preparação para o carnaval. Os vínculos afetivos existentes na Cardoso têm maior importância entre os moradores, e no momento em que um necessita, o outro se disponibiliza para ajudar. Afinal, os dois blocos contam com o mesmo grupo de ritmistas e com instrumentos de bateria em comum. Fabiano, um dos fundadores do Xupa Mas Não Baba, disse em seu depoimento à mim: “Minha bandeira é o carnaval”, e esse é o sentimento compartilhado pela grande maioria.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Maria Teresa Guilhon M. **Blocos: vozes e percursos da reestruturação do Carnaval de rua no Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2013.

BERTOLUCCI, Rodrigo. **Laranjeiras**. Midialocal.com. Rio de Janeiro, 16 abril. 2014. Disponível em: <www.midialocal.com/bairros/4/laranjeiras>

BLOCOS. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 fevereiro 1983. Carnaval 83, p14

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CARNAVAL de rua. Jornal do Brasil, 3 fev 1978. Serviço, p.2

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. 4ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESFILES hoje começam na Rio branco. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 março 1984. Carnaval, p.2

FEDERAÇÃO dos blocos carnavalescos. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.federacaodosblocos.com/index.htm>>

HERSCHMANN, Micael. **Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21**. Intercom – RBCC. São Paulo, 2013

LARANJEIRAS ganha nova praça. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de março 1983. Cidade, p8

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2010

MONTEIRO, Débora Paiva. **O sonho de todo folião: um ano com dois carnavais (Rio de Janeiro – 1912)**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1605.pdf>>

PAVÃO, Fábio Oliveira. **Uma comunidade em transformação: Modernidade, organização e conflito nas escolas de samba.** Dissertação (Pós-graduação em Antropologia). Niterói: UFF, 2005

PIMENTEL, João. **Blocos: uma história informal do carnaval de rua.** Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2002

_____. **Três blocos, uma rua.** O Dia, Rio de Janeiro, 11 fevereiro, 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2014-02-11/joao-pimentel-tres-blocos-uma-rua.html>>

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência.** Psicologia USP, São Paulo, 4, p. 285 – 298, 1993.

ENTREVISTAS REALIZADAS

Aluísio Pinto, 66 anos, ex-diretor e integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 10 de março de 2014.

Benedito Dantas, 70 anos, ex-presidente, ex-diretor de bateria e integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 12 de abril de 2014.

Douglas Wallace, 35 anos, ex-presidente do Cardoso. Entrevista concedida em 17 de outubro de 2014.

Fabiano Maia, 46 anos, ex-diretor e cofundador do Xupa Mas Não Baba. Entrevista concedida em 29 de outubro de 2014.

Hélio Juber Oliveira, 54 anos, diretor e cofundador do Xupa Mas Não Baba. Entrevista concedida em 23 de agosto de 2014.

Izaltino Gonçalves Medeiros, Presidente da FBCERJ. Entrevista concedida em 18 de abril de 2014.

Jacqueline Diorio, 50 anos, integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 20 de outubro de 2014.

João Pimentel, 46 anos. Entrevista concedida em 15 de agosto de 2014.

Marcelino Fernandes, 33 anos, presidente do Cardoso. Entrevista concedida em 28 de outubro de 2014.

Marcelo Amaral, 28 anos, diretor do Cardoso. Entrevista concedida em 19 de agosto de 2014.

Marco Antonio da Purificação, 39 anos, ex-diretor do Xupa Mas Não Baba. Entrevista concedida em 27 de setembro de 2014.

Maria Christina Fernandes, 64 anos, ex-diretora e integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 08 de março de 2014.

Marly Cardoso, 72 anos ex-diretora e integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 08 de março de 2014.

Pedro Freitas, 70 anos, ex-diretora e integrante da velha guarda do Cardoso. Entrevista concedida em 12 de abril de 2014.

Raul Cabral Mera, 45 anos, ex-diretor e cofundador do Xupa Mas Não Baba. Entrevista concedida em 15 de março de 2014.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 10/12/2014

Eu, **LUANA DIORIO VOLOCH**, CPF 135.190.307-13 formando(a) do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**CARDOSÃO DAS LARANJEIRAS: É MAIS QUE UM BLOCO!**”, defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

LUANA DIORIO VOLOCH